

**O ACTO INSURRECCIONAL
E A
AUTO-ORGANIZAÇÃO
DA LUTA**

raividições

raiva.pt.vu

raividita@yahoo.com

Sasha K.

Título original: *The insurrectionary act and the self-organization of struggle*, de Sasha K.

Publicado na página da internet da revista Killing King Abacus.

Tradução e edição: raividições, em 2006. Revisto em 2007.

Textos já publicados:

- [anónimo], *Questões de organização. 31 teses insurreccionalistas.*
- Alfredo M. Bonanno, *A tensão anarquista.*
- Alfredo M. Bonanno, *O prazer armado.*
- Bob Black, *A abolição do trabalho.*
- Wolfi Landstreicher, *A rede de dominação - análises anarquistas das instituições, estruturas e sistemas de dominação e exploração para serem debatidas, desenvolvidas e postas em prática.*
- Wolfi Landstreicher, *Auto-organização autónoma e intervenção anarquista: uma tensão na prática.*
- Wolfi Landstreicher, *Da política à vida - livrando a anarquia do fardo esquerdista.*
- Wolfi Landstreicher, *Pensamentos bárbaros. Sobre uma crítica revolucionária da civilização.*

Anti-copyright

Para os anarquistas as questões de como actuar e de como se organizarem estão intimamente relacionadas. E são estas duas questões, não a questão da forma desejada de uma futura sociedade, que nos providenciam o método mais útil para compreendermos as várias formas existentes do anarquismo. O anarquismo insurreccional é uma dessas formas, embora seja importante frisar que os anarquistas insurreccionais não constituem um bloco unificado, sendo extremamente diversos nas suas perspectivas. O anarquismo insurreccional não é uma solução ideológica para os problemas sociais, uma mercadoria no mercado capitalista de ideologias e opiniões, mas uma prática continuada com o objectivo de pôr um fim na dominação do estado e na permanência do capitalismo, que requer análise e discussão para avançar. Historicamente, a maioria dos anarquistas, excepto aqueles que acreditavam que a sociedade evoluiria até ao ponto em que deixaria o estado para trás, tem acreditado que alguma espécie de actividade insurreccional seria necessária para transformar radicalmente a sociedade. De um modo mais simples, isto significa que o estado tem de ser banido pelos explorados e excluídos e, portanto, os anarquistas devem atacar: esperar que o estado desapareça é uma derrota.

Irei enumerar algumas implicações que alguns anarquistas insurreccionais retiraram deste problema geral: se o estado não vai desaparecer por si só, então como é que acabamos com a sua existência? O anarquismo insurreccional é acima de tudo uma prática, e foca-se na organização do ataque (os anarquistas insurreccionais não são contra a organização, mas são críticos das formas de organização

que possam impedir acções de ataque contra o estado e o capital). Assim, o adjectivo “insurreccional” não indica um modelo específico do futuro. Os anarquistas que acreditam que devemos atravessar um período insurreccional para livrar o mundo das instituições de dominação e exploração, além disso, tomam uma variedade de posições acerca da forma de uma sociedade futura – podem ser anarco-comunistas, individualistas ou até primitivistas, por exemplo. Muitos recusam totalmente apresentar um modelo único e específico do futuro, acreditando que as pessoas escolherão uma variedade de formas sociais de se organizarem, se tiverem a oportunidade. São críticos de grupos ou tendências que acreditam serem “mensageiros da verdade” e que tentam impor a sua solução ideológica e formal para o problema da organização social. Em vez disso, muitos anarquistas insurreccionais acreditam que é através da luta auto-organizada que as pessoas aprenderão a viver sem instituições de dominação.

Enquanto que os anarquistas insurreccionais estão activos em muitas partes do mundo neste momento, os pontos deste artigo são particularmente influenciados pelas actividades e textos daqueles que estão na Itália e na Grécia, que são também os países onde os anarquistas insurreccionais mais estão activos. A presente e extremamente variada cena insurreccional anarquista italiana, que se centra em volta de alguns espaços ocupados e publicações, existe como uma rede informal, levando a cabo a sua luta fora de todas as organizações formais. Esta tendência tomou o rótulo “insurreccional anarquista” para se diferenciar da Federação Anarquista Italiana, uma organização plataformista que

coordenado e proveitoso.

-- Acção autónoma: a auto-gestão da luta significa que aqueles que lutam são autónomos nas suas decisões e acções; isto é o oposto de uma organização de síntese, que tenta constantemente tomar controlo da luta. Lutas que são sintetizadas dentro de uma única organização controladora são facilmente integradas na estrutura de poder da sociedade actual. Lutas auto-organizadas são, por natureza, incontroláveis quando se espalham pelo terreno social.

de social por natureza para política. Os anarquistas insurreccionais tendem a fomentar a organização informal porque reconhecem que nós, como anarquistas, somos parte daqueles em luta, e não estamos fora e acima dos explorados e excluídos, organizando-os politicamente.

4. A organização desenvolve-se a partir da luta, a luta não se desenvolve a partir da organização: a maioria das organizações formais tentam primeiro construir a organização, e depois organizar a luta ou “movimento”. Os anarquistas insurreccionais vêem isto ao contrário. A organização informal, baseada no grupo de afinidade, desenvolve-se a partir da luta. Os grupos de afinidade vão construindo ligações em luta e depois muitas vezes coordenam acções; mas, o nível de organização depende do nível de luta, não das exigências de uma organização formal.

5. Acção autónoma e solidariedade: os anarquistas insurreccionais reconhecem que as acções de indivíduos e grupos de afinidade são autónomas, que nenhuma organização deveria estar em posição de disciplinar a acção de outros. Mas a acção autónoma torna-se mais forte quando actuamos em solidariedade revolucionária com outros em luta. A solidariedade revolucionária é activa e está em conflito com as estruturas de dominação; é a acção directa que estabelece uma ligação entre a luta de alguém e a de outros.

-- As lutas devem ser desenvolvidas, tanto a médio como a longo prazo. Estratégias claras são necessárias para permitir que diferentes métodos sejam usados de um modo

rejeita oficialmente actos de revolta individuais, apoiando apenas acção em massa e uma prática educacional e evangelizadora que se centra em propaganda em “períodos não-revolucionários”, e seguindo os municipalistas libertários Italianos, que têm uma abordagem à actividade “anarquista” largamente reformista.

Os anarquistas insurreccionais não são deterministas históricos; ou seja, não acham que a história segue um caminho pré-determinado, como algo com o qual precisamos de nos mover em sintonia. Pelo contrário, a história é um livro aberto, e o caminho que seguir irá depender das nossas acções. Neste sentido, um verdadeiro acto não acontece num contexto, mas para contextualizar. Para quebrarmos com o presente devemos actuar contra o contexto, e não esperar por uma altura historicamente determinada para actuar, pois ela nunca chegará. O acto não sai fora do contexto, acontece que ele molda o contexto e altera completamente o contexto, tornando o impossível de um momento no possível do momento seguinte. E este é o âmago do evento insurreccional. Visto que o evento insurreccional transforma o contexto de possibilidade, transforma também o humano e as relações sociais humanas.

Ainda assim, para que ocorra um evento insurreccional que abra uma brecha no presente, necessitamos de nos debruçar sobre a questão de organização. Os anarquistas devem fazer os possíveis para abrir e desenvolver o potencial de insurreição. Certas formas de organização, contudo, sufocam o nosso potencial de verdadeiramente actuarmos contra o presente e por um novo futuro, de nos movermos

em direcção à insurreição e a uma quebra permanente com o estado e o capital. Organizações permanentes, organizações que tentam sintetizar aqueles em luta em uma única organização unificada, e organizações que tentam mediar a luta são todas formas de organização que tendem a fechar o potencial de insurreição. Estes modos de organização formalizam e rigidificam as relações daqueles em luta sob formas que limitam a combinação flexível do nosso poder de actuação. O nosso poder activo, o nosso poder para criar e transformar, é a nossa única arma, e aquilo que limita tal poder desde dentro do movimento dos explorados e excluídos é a nossa maior fraqueza. Isto não significa que devamos permanecer não-organizados (uma impossibilidade – temos sempre algum nível de organização, por muito informal que seja); na verdade, isto coloca a própria questão de organização: como é que nos combinamos de um modo que fomente os nossos poderes activos?

1. Contra organizações permanentes: as organizações permanentes tendem a seguir uma lógica própria – uma lógica que supera a de insurreição. Precisamos apenas de olhar para as operações de grupos autoritários, Leninistas ou de organizações esquerdistas, activistas, para vermos isto em funcionamento. Normalmente tem tudo a haver com construir o grupo, recrutando acima de tudo – a permanência torna-se o objectivo primário. O poder é separado daqueles activos em luta e torna-se instituído na organização. O organizador torna-se separado dos organizados, e tende a desempenhar o papel de disciplinar e falar em nome da luta.

2. Contra a mediação com o poder: à medida que as

organizações se tornam mais permanentes e se preocupam com o recrutamento, muitas vezes começam a preocupar-se com a sua imagem, e tentam limitar as acções de outros na luta que possam dar um mau nome ao movimento. Quanto mais poder instituem dentro da sua organização, mais tendem a limitar a acção directa de confronto e a encorajar o diálogo e a mediação. Ingenuamente, chegam a querer arrear o poder de uma massa de corpos, de modo a obterem um lugar na mesa do poder. Este processo está em forte funcionamento no movimento anti-globalização; organizações maiores estão cada vez mais a tentar mediar com o poder. É também este o papel dos sindicatos na sociedade. Para os anarquistas, é claro, sendo contra o capitalismo e o estado no seu todo, não pode haver diálogo com o poder instituído. A vontade daqueles no poder de iniciarem um diálogo pode ser um sinal da sua fraqueza, mas é também o início da nossa derrota quando limitamos o nosso poder activo para nos juntarmos a eles na discussão.

3. Formalidade e informalidade: as organizações formais separam as pessoas por papéis formais de organizadores e organizados. Os papéis de organizador e organizado, obviamente, espelham os próprios papéis sociais necessários à operação da sociedade que nós, como anarquistas, tentamos subverter. Além disso, a organização formal tende a separar a decisão do momento e da situação do próprio acto, separando a decisão da sua execução, e assim limitando a autonomia de acção. Ambas estas tendências rigidificam as relações sociais que são vitais para aqueles em luta. As organizações formais também muitas vezes tomam o papel de representação do “movimento”, deslocando a luta